

ESCOLAS VIVAS, MATERIAIS DIDÁTICOS E PEDAGOGIAS

TERRITORIALIZADAS: experiências de co-edição a partir da coleção Capanga de Aruanda

LIVING SCHOOLS, TEACHING MATERIALS AND PEDAGOGIES

TERRITORIALIZED: co-editing experiences based on the Capanga de Aruanda collection

ESCUELAS VIVAS, MATERIALES DE ENSEÑANZA Y PEDAGOGÍAS

TERRITORIALIZADAS: experiencias de coedición a partir de la colección Capanga de Aruanda

Laura Castro¹
Carolina Fonseca²

RESUMO:

O texto disserta apresenta um conjunto de experiências da coleção de materiais intitulada Capanga de Aruanda e desenvolvida no âmbito de projetos que discutem a noção de escolas vivas e pedagogias territorializadas e na edição de materiais didáticos interculturais. Trata-se de desdobramento de pressupostos epistemológicos das seguintes publicações Una Hiwea – Livro Vivo (2013), Una Isi Kayawa – Livro Vivo (2013), Una Isi Kayawa – Livro Vivo (2013), Una Isi Kayawa – Livro Vivo (2013), Una Isi Kayawa – Livro da Cura (2014) e Una Shubu Hiwe Livro da Cura (2014) e Una Shubu Hiwe Livro da Cura (2014) e Una Shubu Hiwe Livro da Cura (2014) e Una Shubu Hiwea – Livro escola viva do povo Huni Kuin (2017). No bojo dessas discussões, o texto tangencia dimensões metodológicas, princípios autorais e perspectivas narrativas que os materiais didáticos da Capanga de Aruanda colocam em jogo.

Palavras-chave: Materiais didáticos. Escolas diferenciadas. Interculturalidade.

¹ Doutora em Artes Cênicas, UFBA; professora na Universidade Federal da Bahia – Brasil; Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e PROFARTES - Mestrado Profissional em Artes; Grupo de pesquisa: ECOARTE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4428-5939> E-mail: lauracastro@ufba.br

² Doutora em Arquitetura e Urbanismo, UFBA; professora na Universidade Federal da Paraíba – Brasil; Programa de Pós Graduação em Artes Visuais ; Grupo de Pesquisa Auê: artes da grafia. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-6871-9615> E-mail: caca.fonseca@gmail.com

ABSTRACT:

This paper presents a set of experiences from the collection of materials entitled Capanga de Aruanda, developed as part of projects that discuss the notion of living schools and territorialized pedagogies, as well as the publishing of intercultural teaching materials. It is an unfolding of the epistemological presuppositions of the following publications Una Hiwea - Livro Vivo (2013), Una Isi Kayawa - Livro da Cura (2014) and Una Shubu Hiwea - Livro escola viva do povo Huni Kuin (2017). In the essence of these discussions, the text touches on the methodological dimensions, authorial principles and narrative perspectives that Capanga de Aruanda's teaching materials put into use.

Keywords: Teaching materials. Differentiated schools. Interculturality.

RESUMEN:

Cet article traite de la collection de matériel pédagogique appelée « Capanga de Aruanda », développée dans le cadre des projets « Écoles vivantes : pédagogies territorialisées et matériel pédagogique différencié pour la promotion de l'interculturalité en tant que politique d'éducation publique » et « Éditions cosmographiques : création de matériel pédagogique interculturel basé sur des poétiques et des pédagogies vivantes ». Il s'agit d'un développement des hypothèses épistémologiques des publications suivantes : Una Hiwea - Livre vivant (2013), Una Isi Kayawa - Livre de guérison (2014) et Una Shubu Hiwea - Livre scolaire vivant du peuple Huni Kuin (2017). L'article aborde les dimensions méthodologiques, les principes de l'auteur et les perspectives narratives que le matériel pédagogique de « Capanga de Aruanda » met en jeu.

Palabras clave: Matériel pédagogique. Écoles différenciées. Interculturalisme.

INTRODUÇÃO**ABRIR A CAPANGA, PARTILHAR A PESQUISA**

Este artigo busca refletir acerca das provocações do dossiê a partir do processo criativo e das elaborações teórico-críticas produzidas, no âmbito da coleção de materiais didáticos intitulados “Capanga de Aruanda”, elegendo os resultados do projeto de pesquisa “Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos

diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública”.

A coleção foi elaborada com a finalidade de fortalecer a promoção da interculturalidade, tanto na rede escolar da zona rural e nos territórios de identidade indígenas e quilombolas, quanto oferecê-los como materiais didáticos à rede pública de ensino da zona urbana e aos cursos de licenciatura de ensino universitário. Também procura estabelecer relações entre as pedagogias adotadas em escolas diferenciadas, localizadas na zona rural, o campo das Artes e materiais didáticos diferenciados. Vale registrar que a proposta inicial contou com o apoio do edital nº40/2022 Pró-humanidades do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq.

Desse modo, os materiais foram produzidos em conjunto por uma rede de pesquisadoras universitárias, mestres e mestradas de comunidades tradicionais. Outro aspecto, que precisa ser considerado, nesta proposta procuramos responder também a um processo de enfrentamento do cenário de fechamento de escolas públicas rurais, inscrevendo-se no debate acerca do sucateamento de políticas públicas, voltadas para a Educação do campo nas últimas décadas no Brasil, com mais de 60 mil escolas rurais fechadas no período de 1995 a 2016, segundo Censo Escolar, e, ao mesmo tempo, a insurgência de escolas diferenciadas no âmbito da educação intercultural da Escola Indígena e Quilombola.

Esse envolvimento caracteriza-se por meio de uma rede que conecta mestres, mestradas, territórios, escolas vivas e coletivos à Universidade pública, articulando com coordenações específicas na Universidade Federal do Norte do Tocantins (Profa. Dra. Aia Oro Iara) as escolas vivas do povo Apinajé; na Universidade Federal do Sul da Bahia (Profa. Dra. Cinara de Araujo) mestradas ligadas à povos de Terreiro do Sul da Bahia e as escolas vivas Maxacali; na Universidade Federal da Paraíba (Profa. Dra. Cacá Fonseca e Fabiana Carneiro) junto à comunidade do Buraco D’Águas e mestres do Grupo de Capoeira Angola Comunidade; na Universidade Federal do Acre (Profa. Dra. Adelize Souza) com mestradas tradicionais da Amazônia Acreana; e na Universidade

Federal da Bahia (Profa. Dra. Laura Castro) com mestras do povo Pataxó e do povo Huni Kuin.

O LIVRO VIVO DAS ESCOLAS VIVAS

As comunidades escolares referenciadas colaboradoras da pesquisa partem do conceito de “Escola Viva” do Pajé Duã Busã e de “Livro Vivo”, do Pajé Īka Muru, ambos mestres professores Huni Kuin da Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, no Acre, alargando o campo da escola, do livro e dos materiais pedagógicos para a Floresta, as medicinas, o território e outras dimensões do cotidiano.

Neste sentido, fez parte de uma das etapas pesquisa um estudo específico das experiências editoriais e formulações conceituais desenvolvidas nas seguintes publicações: Una Hiwea – Livro Vivo (2013), Una Isi Kayawa - Livro da Cura (2014) e Una Shubu Hiwea - Livro Escola Viva do povo Huni Kuin (2017), publicações de autoria da Aldeia São Joaquim e da Aldeia Coração da Floresta, desse povo que vive à beira do Rio Jordão (Acre). Essas obras foram organizadas pelos referidos pajés e editadas, respectivamente, pelo Laboratório Literaterras (UFMG), pela Editora Dantes com o apoio do Itaú Cultural.

Esses materiais, como materiais didáticos da escola Huni Kuin, são também manuais de medicina e livros de botânica, que documentam a biodiversidade amazônica acreana e registram narrativas que estão intimamente conectadas ao território e a formação deste povo.

Além disso, são livros editados majoritariamente na língua deste povo, no caso do *Livro Vivo* integralmente em hãtxa kui, e de modo bilíngue, com o português, os outros dois livros posteriores. Desta forma, temos uma das primeiras lições dos livros que sustentaram as etapas da pesquisa, pois a presença do hãtxa kui em um livro, pode se constituir em uma política linguística importante de preservação dos conhecimentos, a partir desta língua milenar que ainda hoje é a língua materna dos Huni Kuin e também é a mais falada na região do Rio Jordão, no estado do Acre.

Como promover a aceitação, por exemplo, na escola indígena deste povo/território receba e adote livros didáticos em português para alfabetizar crianças que são falantes do hãtxa kui, que não falam português? Como aprender a ler e escrever em uma língua que não é a sua?

O mestre Ìka Muru formula a ideia de um livro vivo constituído pela própria floresta, sem necessidade de “a,b,c” do alfabeto ocidental, mas do som das letras, do canto e da reza que acompanha a cura, presente nos kenés, grafismos Huni Kuin que manifestam, protegem, tem agência e nos convida a conceber outros modos de pensar e também elaborar os materiais didáticos.

Para Duã Buse, “quando está em roda com seu povo ou quando caminha acompanhado por seu parque de plantas medicinais” este pajé professor “costuma dizer: “[...] é tudo isso, estou aqui, a escola viva está aberta”, “um movimento que tem sido vivenciado e construído de diversas formas no cotidiano das aldeias”, nas partilhas entre mestras tecelãs e aprendizes, artistas, professores e estudantes, velhos e crianças, bichos, plantas, medicinas, entre outros (Dua Buse, 2017, s/p).

Cristine Takuá, que coordena o projeto “Escolas Vivas”, no âmbito do Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida, tem se dedicado a pensar nesta formulação em parceria com o pajé e outros parentes de escolas vivas no Brasil. Ela chama atenção para uma questão importante que nos ajuda muito a pensar na organização do material didático, considerando a centralidade da letra e dos números:

O meu avô nunca foi à escola e era muito atento, curioso, esperto nos fazeres que ele praticava. Então, criou-se essa ilusão de buscar através da letra e dos números um conhecimento superior, sendo que os saberes e fazeres brotam da nossa própria mão, que é uma flor. Essa flor nos possibilita produzir muita coisa: um cesto, um tecido, uma panela. As mãos não produzem só letras e números. E o que mais me incomodou durante o tempo em que estive na escola foi perceber que a escola se restringe a letras e números. E isso faz com que as crianças percam, não totalmente, mas que percam a memória da criatividade, da potência criativa. O fazer as coisas adormece dentro delas. Então, o próprio diálogo sobre as narrativas, o produzir desenhos, praticar outras formas, ficam adormecidos quando é obrigatório saber ler, escrever e contar números. Mas será que todo mundo veio ao mundo para saber ler e escrever? (Takuá, 2022, p. 2).

Caminhando com essas perguntas e os aprendizados com o pajé Duã Buse e a memória do pensamento de Ika Muru, as etapas da pesquisa assumiram um lugar de pensá-la a partir do livro, tanto do ponto de vista de seu potencial didático, sua conexão com o território, sua abertura e expansão do “livro vivo”, assim como a partir dos seus elementos gráficos, seus modos compositivos e suas proposições educativas no âmbito dos diálogos interculturais.

Esses diálogos ocorreram nos encontros de campo, nas experiências constituídas nas ações de extensão e nas residências artístico pedagógicas, dedicadas à realização dos materiais didáticos. Desta forma, uma das etapas da pesquisa desdobrou-se no projeto “Edições Cosmográficas: criação de materiais didáticos interculturais, a partir de poéticas e pedagogias vivas”, que viabilizou essa coleção, a partir de um recurso adicional, concedido pelo Edital Nº10/2023 Universal, do CNPq.

MUNDOS GRÁFICOS DAS ESCOLAS VIVAS

No primeiro ano do projeto, em 2023, investigamos as dimensões interdisciplinares da pesquisa que conectam os saberes tradicionais, o campo do Design Editorial e a escola viva. Esta investigação aconteceu a partir de dois ciclos de estudos com pesquisadoras, conselheiras e mestras da rede, em reuniões presenciais e online que aconteciam regularmente.

Realizamos também o minicurso de extensão, “Alianças Editoriais: editando saberes tradicionais”, com partilhas de experiências, a partir dos projetos Literaterras e Piseagrama (UFMG), vinculados aos Laboratório de Interculturalidade (UFAC), Livro-Lugar (UFBA), Arqueologia da Ignorância (UFPB) e Edições Zabelê (UFSB).

O curso se constituiu de apresentação de relatos e da apresentação de livros, impressos e publicações produzidos, a partir de alianças entre editoras, povos e comunidades tradicionais, universidades, projetos institucionais, entre outros arranjos, azeitando a ideia de edições cosmográficas como feitura da luta, das aprendizagens e dos territórios de onde originam esses saberes.

Nesse percurso as perguntas que nos guiaram nesses encontros foram: como

inventar estratégias para ativar livros - lugares, esparramar sementes desses saberes e matutar sobre como nascem os livros vivos? Como publicar livros com comunidades e com coletividades?

Para refletirmos sobre essas questões organizamos um conjunto de encontros com profissionais que pudessem colaborar com a elaboração dessa proposta. No encontro "Nave-ave-avó" ocorrido em 31 de maio de 2023 recebemos Maria Inês de Almeida com as experiências editoriais coletivas do Literaterras (UFMG), do Laboratório de Interculturalidade (UFAC) e da rede Unã Baina (UFAC). Em seguida realizamos o encontro Troncos e Re-brotos, ocorrido em 07 de junho de 2023. Nesta ocasião participaram Cristiane Pataxó pesquisadora e professora do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, e Rita Pataxó, mestra, multi-artista e professora, ambas da Aldeia Kaí.

No fechamento, realizamos o encontro Sementário, em 14 de junho de 2023 com a presença de Renata Marquez, professora de Arquitetura e Urbanismo e dos Saberes Transversais da UFMG e articuladora do projeto Piseagrama e Paula Lobato, idealizadora da Kmãññ Hêsuka, uma Oficina Editorial voltada para os povos indígenas e integrantes do estúdio "Cosmopolíticas Editoriais" junto com Felipe Carnavalli de Brot.

CARTILHAS EM LÍNGUA MATERNA HUNI KUÍ

Realizamos uma série de experiências de ensino e atividades com a participação de mestres locais em eventos de extensão nas universidades que compõem a rede. Também articulamos uma parceria com o Programa Ação Saberes Indígenas na escola, do FNDE/MEC, ofertamos o Curso de formação continuada de professores Huni Kuin, com o apoio da Secretaria de Educação do Município do Jordão/Acre e o Instituto Federal do Acre (IFAC).

A ASIE/IFAC atuou na formação continuada - capacitação para produção de material didático - de 112 professores (88 com bolsas do FNDE) e 13 orientadores de estudo (11 com bolsas do FNDE e 02 com bolsas do CNPq), que envolveu diretamente

29 escolas, além de formadores da equipe técnica do nosso projeto que acompanharam as atividades do projeto e a culminância, o Seminário Unã Baina de Pesquisas da Escola Huni Kuĩ, em novembro de 2023, na Aldeia Boa Vista.

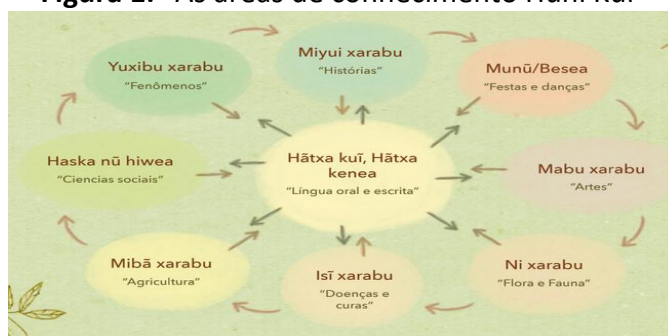
A Ação Saberes Indígenas na Escola destina-se a:

(I) promover a formação continuada de professores da educação escolar indígena, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica nas escolas indígenas; (II) oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas. (III) oferecer subsídios à elaboração de currículos, definição de metodologias e processos de avaliação que atendam às especificidades dos processos de letramento, numeramento e conhecimentos dos povos indígenas; (IV) fomentar pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena¹.

Neste contexto, co-produzimos 13 cartilhas realizadas por professores e orientadores, com apoio técnico dos formadores ligados ao projeto financiado pelo FNDE. A ASIE/IFAC totalizou 180 horas de formação continuada para os professores alfabetizadores em Hãtxa Kuĩ e 200 horas de orientação para os mestres de notório saber em cada uma das áreas do conhecimento da Base Estadual Comum Curricular Huni Kui (BECCH).

Esse trabalho foi produzido em 2021 no âmbito do Laboratório de Interculturalidade da UFAC, orientado pelo Prof. Dr. Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá, pesquisador e linguista Huni Kui, que atuou como um dos coordenadores do trabalho. Os materiais foram todos guiados pelas áreas específicas dessa Haska xarabu Yušiti, “as áreas de conhecimento Huni Kuĩ”:

Figura 1: “As áreas de conhecimento Huni Kuĩ”



Fonte: Relatório ASIE/IFAC elaborado por Maria Inês de Almeida e Maria Bylaardt

Esta experiência de uma coleção de cartilhas em hãxta kui, especialmente embasados por uma base curricular comum deste povo além do modo de mestres Huni Kuin pensar os livros, foi de fundamental importância para o encaminhamento do processo criativo da coleção Capanga de Aruanda que nesta época, em 2023, já era sonhada e nutrida por nossa equipe.

A CAPANGA, UM EXPERIMENTO COSMOGRÁFICO

A “Capanga de Aruanda” é um experimento cosmográfico mobilizado pelos participantes da pesquisa, concebido a partir das aproximações de mundos gráficos dos povos da terra ligados a diversas comunidades tradicionais e ancestrais do Brasil. Essas aproximações configuraram-se em residências Artístico Pedagógicas, uma proposição metodológica e experimental, construída desde o campo inter, trans e disciplinar da Artes.

Dessa maneira, as residências Artístico Pedagógicas foram desenvolvidas em duas etapas: a primeira no Assentamento Terra Vista e na Aldeia Tupinambá Serra do Padeiro, na Bahia e a segunda na Aldeia Chico Curumim, na Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão no Acre.

A Capanga de Aruanda agrega o território mítico “Aruanda” à bolsa imaginária, sacola, capanga, como imagem que afirma modos de coletar, reunir e colecionar estratégias de resistência, sobrevivência e invenção da vida. Uma imagem-pensamento confluyente com a escritora e ativista ecofeminista Úrsula Le Guin (2021), no livro “A teoria da bolsa ficção” que propõe o confronto do arquétipo do guerreiro, com o das coletoras que carregam em cestos, sacolas, bolsas, suas sementes, raízes, crianças, tecidos, folhas, ferramentas.

Nós já a ouvimos, todos já ouvimos tudo sobre todos os paus e lanças e espadas, sobre as coisas duras, mas ainda não ouvimos nada sobre a coisa em que se põem coisas dentro, sobre o recipiente para a coisa recebida. Essa é uma história nova. Isso é novidade. (...) Eu discordo de tudo isso. Eu iria mais longe e diria que a forma natural, apropriada e adequada do

romance pode ser aquela de uma sacola, de uma bolsa. Um livro guarda palavras. Palavras guardam coisas. Carregam sentidos. Um romance é um patuá guardando coisas numa relação particular e poderosa umas com as outras e conosco (Le Guin, 2021, p. 19-20).

“Capanga de Aruanda” assume o lugar de uma evocação, tradução e aclimação de epistemes ao nosso território pindorâmico. Pode ser evocada como modo de reivindicar sentidos territorialmente ancorados pela bolsa, uma vez que Capanga de Aruanda é uma música da capoeira. Trata-se de uma música nomeada de corrido, cantada enquanto se joga capoeira que, também é “puxada” pelo cantador e respondida pelo coro que repete:

Ai ai ai ai.
Quando cheguei de Aruanda.
Trouxe muito remédio.
dentro da minha capanga.
(Cantiga de Capoeira).

O remédio, nesse caso, é um aspecto mutante, o espaço do improvisado e da atualização de infinitas presenças. A cada vez que se canta a música, convoca-se os(as) cantadores(as) a preencherem a capanga com algo outro que se carrega. “Trouxe muita folhagem”, “Trouxe meu berimbau”, “Trouxe muitos amigos” e assim, *ad infinitum*. A capanga é como um recipiente mágico, topológico, adimensional, pois cabe gente, objetos, sentimentos e toda trama poética dos afetos reelaborados na diáspora.

O canto como registro sônico, vibracional e poético é capaz de guardar a memória dessas travessias. Cantamos algumas vezes essa música durante a Residência Artístico Pedagógica que também denominamos de Capanga de Aruanda. Na Terra Indígena Tupinambá Serra do Padeiro, no pátio da Escola Estadual desse mesmo nome, formou-se uma roda de crianças.

A “Capanga de Aruanda”, na situação, era além do canto, uma bolsa, costurada por Dona Maria da Glória, anciã Tupinambá e mestra - conselheira do projeto, bolsista na modalidade de Apoio à difusão do conhecimento. O que mais se carregou no canto entoado pelas crianças foi alegria, mas veio também bicicleta, amor, amigos e mais uma vastidão de sentidos carregados pelas crianças que participaram deste momento.

Assim, a coleção Capanga de Auanda é constituída pelos seguintes títulos: *Na hene Waka ou A cura das águas*, do Mahku (Movimento dos Artistas Huni Kuin); O manto é feminino de autoria de Célia Tupinambá e da comunidade escolar da Serra do Padeiro; Aibu Keneya organizado pelo Coletivo de Mulheres Huni Kuin Aibu Keneya, da Aldeia Chico Curumim; Escola Viva do Buraco D'água preparado pela Comunidade tradicional do Buraco D'água; Cadernos do Tempo Apinajé concebido pelo Comitê Apinajé; Sementes ligadas por raízes de autoria jovens Pataxó da Aldeia Kaí, com orientação da mestra Rita Pataxó; - lêeeeeee, o grito da capoeira-menina de autoria de Mestre Naldinho e Mestra Tina.

Também constituiu essa coleção um livro de pesquisa com textos dos mestres, artistas e pesquisadores envolvidos. Além de 2 músicas, produzidas no âmbito das ações de residências do projeto e o encarte de acesso à videoteca Composto Escola que reúne uma série de escolas vivas, teorizadas por mestras das comunidades envolvidas na pesquisa.

A seguir apresentamos uma breve descrição das publicações que compõem a coleção Capanga de Aruanda, no sentido de apresentar as dimensões metodológicas, pressupostos autorais e perspectivas narrativas que estes impressos colocam em jogo:

Na Hene Waka - a cura das águas - um livro-pintura criado a partir de um *Huni Meka*, canto sagrado pertencente ao ritual do *Nixi Pae* (ayahuasca) do povo Huni Kuĩ, pintado pelo coletivo Movimento dos Artistas Huni Kuin - Mahku da aldeia Chico Curumim, na Amazônia brasileira. O canto manifesta um sentido de que a cura vem das águas do rio. *Hene* significa água e *Waka* é grande, em hãtxa kuĩ, na língua deste Povo.

O desenho manifesta as mirações do movimento da jibóia e do rio, a um só tempo. O canto que acompanha a obra foi gravado pelo mestre Ibã Huni Kuin e captado por Addamo Freitas e Laura Castro. Este livro foi produzido em novembro de 2023, durante a Residência Artístico-Pedagógica que articulou a reunião de dois coletivos de artistas, o Mahku, anfitrião do encontro e a Sociedade da Prensa, sob a força do canto e da miração da cura das águas.

Escola Viva do Buraco D'água, livro nascido e florido entre os anos de 2023 e 2024, desse território de resistência e poesia, junto aos mestres Severino de Petenga, José Vicente Barbosa (Neguinho), Inácio Delfino de Almeida, Antonio Idelfonso da Silva. Trata-se de um livro literário ilustrado, concebido também como um estandarte, como documento poético agregador dos saberes, artes e memórias da comunidade do Buraco D'água e foi composto em três partes: o cordel "Zabumba Adormecido", as biografias dos mestres reunidas em "Acorda memória" e os cantos desta comunidade reunidos em "Oralituras do Buraco D'água".

ÍMÃ - caderno de práticas e programas didático-performativos. Este livro foi compilado a partir de uma experiência didática no Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES e do PPGAV/ UFBA), no componente curricular "Influências Místicas na Artes", desenvolvida pela professora Laura Castro e o professor Lucas Canavarro. O curso propôs a aproximação de saberes e pedagogias indígenas da escola pública e da educação básica. O desejo dos(as) autores(as) é que esta publicação chegue às educadoras em formação, buscando potencializar outras experiências em sala de aula e polinizar as Artes Indígenas na escola, não apenas como obrigatoriedade legal, mas como direito estético, cognitivo e epistêmico. Essa publicação reúne textos diversos como dos pesquisadores indígenas Francy Baniwa, Idjahure Terena e o mestre Francisco Baniwa.

Caderno do Tempo Apinajé, definido como:

[...] uma das colheitas do projeto de extensão "Escolas Vivas Apinajé de Artes e Outros Encontros de Saberes", realizado no contexto do curso de licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Artes, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (LEdoC-Artes/UFNT), coordenado por mim, juntamente com o professor, mestre, diretor da Escola Estadual Indígena Mãtyk, Cassiano Sotero Apinajé. (...). Estas abordam o povo indígena Apinajé (Apinayé), especialmente a história da "aldeia mãe", a Aldeia São José, localizada na Terra Indígena Apinajé, em Tocantinópolis (Tocantins); bem como, os saberes-fazer e as histórias de vida dos/as mestres/as Apinajé: Joanita Pãx Apinajé, José Almeida, Ribamar, Maria de Jesus e Zé Cabelo. Na publicação os cadernos são compartilhados na íntegra, em sua versão original, considerando o exercício de encadernação, editorial e gráfico realizados manualmente pela/os estudantes nas disciplinas. Tais exercícios buscam desenvolver registros multimídias das experiências de pesquisa dos/as estudantes com as suas comunidades por meio de diferentes linguagens artísticas, assim como a

sistematização de obras artístico-pedagógicas, favorecendo a confluência de oralidades, textualidades e visualidades [...] (Iara, 2025).

O Manto é feminino é um livro que se origina do nascimento da comunicação ancestral e profunda entre a artista e a liderança política do Território Tupinambá da Serra do Padeiro, Glicéria e o manto Tupinambá. O fio, o ponto, a trama, as mãos, a junção destas tecnologias mobilizadas pela pergunta insistente - que ecoa desde os tempos imemoriais que foram retomados pela autora - “Onde estão essas mulheres?”.

Desse modo, pode ser considerado um livro cosmográfico, tendo em vista que se inscrevem vozes, sons e escutas de muitos tempos, que foi sonhado na Residência Artístico-Pedagógica Capanga de Aruanda, na Aldeia Serra do Padeiro (Terra Indígena Tupinambá de Olivença, Bahia) em julho de 2023, com a articulação entre a autora e o colégio da aldeia feita pela pesquisadora Jéssica Tupinambá, bolsista do projeto. O livro se escolas vivas do manto, do sonho e das cosmotécnicas, publicado em 2025.

Aĩbu Keneya, livro nomeado por sua personagem principal, “Aĩbu Keneya”, um coletivo de mulheres Huni Kuĩ da Aldeia Chico Curumim, localizada na Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, no Acre. O nome imanta a força dessas mulheres assim como todos os ritos e as escolas pelas quais passam as meninas deste povo.

Além disso, o nome manifesta uma coragem muito marcante na protagonista e especialmente nas autoras que assinam e ilustram este livro, Yaka e Rita Huni Kuin. Aĩbu que significa mulher e Keneya fazer kene. Kene é um tipo de escrita que, pelo grafismo, compõe uma série de desenhos geométricos reconhecidos como escritas, que se inscrevem no corpo, em tecidos, em pinturas e em objetos rituais, como visto neste livro. Escritas que curam, protegem, fortalecem.

As mulheres Huni Kuĩ são, neste sentido, guardiãs dos kenes e grandes artistas, mestras e professoras dentro de suas comunidades. Este livro foi elaborado em 2023 e publicado em 2025, fruto de uma Residência Artístico-Pedagógica que reuniu pesquisadoras e artistas deste coletivo na Terra Indígena Kaxinawá do Alto Rio Jordão, na Aldeia Chico Curumim

Sementes ligadas por raízes, de autoria de Ester de Oliveira Santos, Kaline Braz de Jesus, Carlos Antônio Paixão Santos e Thaine de Jesus Melo, do Povo Pataxó. Voltado para o público infanto-juvenil este livro pataxó gestado por um grupo de jovens autores que vivem na Aldeia Kaí. É dedicado à Gustavo Sarã, um jovem pataxó de 14 anos, que foi assassinado em um território indígena, nesta região que cada vez mais presencia ataques de fazendeiros armados, vitimando pessoas como a liderança Nega Pataxó, assassinada em 2023.

Como um livro-homenagem mobiliza, portanto, um chamado para a luta pela vida e pela demarcação dos territórios indígenas, contando uma história de dois irmãos e duas primas que se reencontram pela força da ancestralidade, das suas raízes.

lêeeeeeeee, o grito da capoeira - menina, livro realizado em co-autoria por Mestre Naldinho e Mestra Tina, do Grupo de Capoeira Angola Comunidade, em que toda bateria da Capoeira é concebida como uma comunidade reunida para anunciar, celebrar e receber a chegada de uma criança, “A capoeira é anunciação, é nascimento, é um rebento”. O livro, feito no tempo da gestação de uma criança remetida à gestação da própria capoeira, deriva da transcrição da história contada como uma performance ritual para o formato do texto escrito e do objeto livro, e das imagens de um precioso conjunto de berimbaus pirografados com grafismos afro-indígenas e figurações dos golpes da capoeira criados por Mestra Tina.

Este livro nasce da ação performativa dessa contação de história no Núcleo de Teatro Universitário, sediado na (Universidade Federal da Paraíba/UFPB) e configura-se como um trânsito do corpo, da voz, da sonoridade, da música, da palavra e do gesto à imagem das oralituras como sugere Lêda Maria Martins (1997)

Livro-Caderno é um caderno artesanal, costurado, cuja capa é configurada como uma bolsa, onde estão guardados reproduções de páginas de cadernos de estudantes da rede pública de ensino, organizado pela Universidade Federal do Sul da

Bahia a partir do grupo de pesquisa da professora Cinara de Araujo. Na primeira página explicita-se sua abordagem:

Caderno como método” é proposição _____ desejo, convite, experimento. A página em branco, pautada ou lisa, uma depois da outra, compõe espaço-tempo e corpo aberto às inscrições, grafias, registros e documentação do vivido (e do que ainda vive), do sentido, do imaginado, do sonhado (e de todas as coisas que ainda sonham). O caderno é arquivo do cotidiano, dos passos, das travessias que o estar em ação investigativa e engajada com o mundo mobiliza. A poesia desse convite é acentuar _____ na grafia da vida _____ sua dimensão pessoal, biográfica, territorial, transtemporal - a palavra feita a mão, o desenho feito no traço, o fragmento coletado no percurso. (...) Se o “caderno como método” não tem garantia, tem efeito. É com ele que dobramos as páginas, com seu corpo de terra e papel, fechamos o mundo. E abrimos de novo. “Caderno como método” é contorno do que ainda não sabemos (Fonseca, et al, s/p, 2025).

Vaca da Taioba em Folia de Rainhas é um texto dramatúrgico concebido pela escritora Adelice Souza, professora de teatro da Universidade Federal do Acre, que o descreve:

Ao invés de celebrar a chegada dos três reis do oriente, celebram a chegada das três rainhas da floresta, aqui representadas por três artistas populares da Amazônia Acreana: Mestra Zenaide Parteira, cantora, compositora e parteira; Mestra Francis Nunes, cantora, compositora e brincante de Reisado; e Keshtuani Aĩbu Kuĩ, txaná 3, tecelã, artesã e professora. (...) A Vaca da Taioba apresenta aqui um ‘terno de reis’ com rainhas. No suporte dramático, em lugar da encenação do “boi morto”, a defesa da “vaca vegetariana”, a vaca sagrada da Índia, propondo o conceito de ahimsa (não-violência), presente no ponto de vista ortodoxo do yoga e defendido por Gandhi, que significa não praticar violência direta ou indireta com qualquer ser vivo. E a taioba é alimento em todas suas partes: o tubérculo e sua raiz, suas folhas e caule. (...) É formada principalmente por mulheres que, através de alguma expressão artística (dança, teatro, música, performance, artesanato, artes audiovisuais etc.), criam situações cênicas de comemoração e festa nas datas do calendário relacionadas com grandes manifestações sagradas da cultura popular, tais como o Dia de Reis, o Carnaval, a festa para Yemanjá na Bahia, os festejos juninos aos Santos Antônio, João e Pedro, Dia da Amazônia, Oferenda de caruru de São Cosme e Damião e outras mais que possam ter alguma afinidade afetiva com as participantes da brincadeira (Souza, s/p., 2025).

O Encarte musical reúne o “Samba da Cabruca”, composto junto ao Assentamento Terra Vista e o “Samba do Cipó” e ao Território Indígena Tupinambá da Serra do Padeiro, ambos no contexto da residência artístico pedagógica. A poesia da

música, os versos, os ritmos, as evocações do samba estão enraizados no coletivo Sociedade da Prensa, formado por sambistas do Bloco de Carnaval DHJ A 8 e capoeiristas, músicos amadores e profissionais como Prince Addamo, mestre gráfico e multi-instrumentista de Salvador. Além da artista brincante Aia Oro lara, da poeta Cinara de Araújo e do estudante bolsista Jhonatan Almeida que se juntaram ao coletivo no contexto da residência.

Ao longo dos dias, como modo de assentar, compreender e partilhar o vivido nas residências nos reunimos para cantar e versar as músicas, a princípio como uma brincadeira que se afirmou como modo de homenagear e rememorar aprendizados, professores, professoras, mestres e mestras das escolas vivas de cada um desses territórios.

Cabruca é o sistema de cultivo do cacau, cujo plantio é feito debaixo da floresta, deriva da palavra grega *cabruc*, e quer dizer sob a proteção da mata. O Samba do Cipó foi escrito como síntese da escola do cipó, essa experiência foi conduzida pela Mestra Maria da Glória de Jesus Tupinambá e o Mestre Rosimiro Ferreira da Silva/ Pajé Liro.

Além destes títulos descritos acima, a Capanga de Aruanda também transporta o encarte Composto Escola, concebido como um material didático, feito de cartas, convites a ações - intervenções e um QR code onde é possível acessar a videoteca na íntegra.

COMPOSTO ESCOLA E AS COMUNIDADES MULTI-ESPECÍFICAS

A pesquisa, à imagem do Composto Escola, foi constituindo uma cartografia aberta elaborada a partir desta agremiação de experiências de escolas indígenas, quilombolas e de assentamento, escolas ressoadas em coro, com cantoria de roda de capoeira, de batuque, de celebração, tendo em vista que são Escolas enraizadas em

um mundo, de lutas, roçados, pois não estão edificadas em uma estrutura de cimento e currículo.

O entendimento da vastidão dessas escolas teve início na jornada pedagógica “Vocabulário para catástrofes”, realizada pelos(as) membros que constituem a rede entre os meses de agosto e novembro de 2021, composta por uma série de encontros virtuais abertos ao público que contou com aulas dos mestres Antônio Bispo dos Santos (Piauí), Élbio Ferreira Britto (Goiás), Givânia Maria da Silva (Pernambuco), Glicéria Tupinambá (Bahia), Joelson Ferreira (Bahia) e do Coletivo Intercultural Quilombo Indígena Tiririca dos Crioulos (Pernambuco).

Estes encontros foram a base para a edição do livro “Composto escola”, publicado em 2022 por meio da parceria editorial entre a n-1 e a Roça de Quilombo. Esta publicação também se configura como um desdobramento da pesquisa sobre o fechamento das 60.065 escolas rurais no Brasil nos últimos 20 anos, intitulada inicialmente de ‘Expedição Catástrofe: por uma arqueologia da ignorância’ realizada no período de 2016 a 2019, pelo mesmo coletivo de artistas que organizou a jornada. Diferente do primeiro ciclo do projeto, que era de mapear e identificar as escolas fechadas, mortas, desativadas, naquele momento o nosso desejo era escutar as experiências desenvolvidas nas escolas vivas a fim de estabelecer um contrapelo do arruinamento do território rural brasileiro pela face contemporânea da modernização conservadora e da expansão ilimitada das fronteiras do capital agro-minero-industrial. Dessa forma, foi a partir desse período que iniciamos o levantamento de uma série de escolas que resistem, se reinventam, criam e ensinam:

Escola dos Biomas; Escola do Terreiro e do Tambor; Escola do Arco, da Flecha e do Maracá; Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate; Escola das Águas e das Marés; Escola das Formigas; Escola das Cotias; Escola da Mágica; Escola da Cura; Escola da Mandioca; Escola das Majés; Escola do Sonho; Escola das Cosmotécnicas; Escola do Rasgo; Escola do Começo Meio Começo; Escola de Tradutores; Escola do Trançado; Escola do Fiar; Escola dos Giros; Escola das Toadas; Escola das Reedições; Escola em Fuga; Escola das Giras; Escola dos Torés; Escola dos Benditos; Escola das Alianças; Escola das Confluências; Escola da Tiririca; Escola da Resistência; Escola de Piseiro; Escola do Pequi; Escola das Ramas; Escola dos Brotos; Escola da Rapadura;

Escola do Cerrado; Escola das Cigarras; Escola das Peregrinações (Fonseca *et al*, 2022, capa).

Esta lista, que estava presente na capa da publicação de 2022 seguiu sendo alimentada e avolumada pelo adensamento das experiências ao longo do desenvolvimento da pesquisa:

Escola das Alianças, Escola da Resistência, Escola do Bawe, Escola do Kene, Escola da Luta, Escola do Umbigo, Escola da Mata, Escola da Capanga, Escola do Jenipapo, Escola do Algodão, Escola do Barro, Escola do Rezo, Escola da Lua Nova, Escola da Terra, Escola da Árvore, Escola do Ritual, Escola Aldeia Floresta, Escola das Oralidades. (Fonseca *et al*, Videoteca Composto Escola, 2025).

A cartografia processual abarcou nesse período, a escuta das mestras e lideranças Maria da Glória de Jesus Tupinambá, Glicéria Tupinambá, Jéssica Tupinambá, Delcídio Maxacali, Sueli Maxacali, Mara Vanessa Pãetani Hunikuĩ, Tamani Hunikuĩ, Rita Hunikuĩ, Yaka Hunikuĩ, Tamani Hunikuĩ, Elcione Hunikuĩ, Maria Laiza Hunikuĩ especialmente, buscando ouvir o sentido de suas teorizações, pedagogias e históricos durante a articulação das escolas vivas que estabelecem trocas e se aproximam dos seus objetivos.

CONTRIBUIÇÕES FINAIS

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Este conjunto de experiências apontam para reflexões, modos de fazer e materiais didáticos que contribuem substancialmente para pensar a inclusão e diversidade no âmbito das escolas diferenciadas. O entrecruzamento de diversas áreas do conhecimento como as Artes e as Letras, o Design Gráfico, os Saberes Tradicionais e a Educação teceu uma rede de livros e compartilhamentos agrupados pela potência de ser “aruanda”, isto é, um território originário e ancestral, que possui escolas vivas, epistemologias, aprendizados e tensionam a escola convencional sua estrutura curricular, a infraestrutura escolar e um modo de produção de conhecimentos que

aleijou os múltiplos outros modos, ainda vivos e resistentes, mesmo frente à tamanha - pois que contínua, institucionalizada e canonizada - violência colonial.

Os contextos sociais dos agentes de saúde, professores e artistas que se encontram neste projeto são os territórios para a criação dos materiais didáticos que, por sua vez, manifestam processos de ensino territorializados, considerando que os principais mestres/mestras são os anciãos/anciãs, os mais velhos/velhas, que muitas vezes não escrevem nem lêem o alfabeto da língua portuguesa.

No entanto, isto não é medido pelo letramento da letra, ou como Paulo Freire já preconizou, antes de ler a palavra existe a leitura do mundo (Freire, 1997). As escolas vivas que conhecemos são exatamente o lugar ampliado do letramento, da leitura do mundo, da leitura da floresta engendrada, sobretudo pelos Povos Indígenas e pelos Povos da Terra. Enquanto nós, na cidade, embranquecidos, seguimos entre as gerações analfabetas da floresta.

Neste sentido, o conjunto de materiais didáticos apresentados neste texto tem o potencial de inclusão, de oferecer constelações narrativas, visuais, sonoras, interativas, pois busca ampliar a concepção do livro didático para as materialidades didáticas, incluindo formatos como vídeos, podcasts, músicas, entre outros e fortalecendo a disputa com o celular e outras mídias, que se constitui em um desafio para a escola do tempo presente.

A execução participativa do projeto também se configura como modo de enfrentar e compartilhar problemas das comunidades envolvidas, como o fortalecimento de seus territórios diante dos conflitos pela terra no Brasil. Neste sentido, pelo detalhamento das obras produzidas, é possível afirmar que os materiais didáticos foram co-produzidos em parceria com os coletivos, as escolas, as aldeias e as comunidades de professores, artistas, agentes agroflorestais, agentes de saúde, em suma, educadores socioambientais, como ensina a conselheira do projeto, Maria Inês de Almeida (2022).

No Brasil, os territórios indígenas, quilombolas e os assentamentos rurais são alvo da violência que se repete como um ritornelo da barbárie moderna colonial e atinge vidas, identidades, florestas e ecossistemas. Cacique Babau, liderança de uma das comunidades envolvidas no projeto, a Aldeia Tupinambá Serra do Padeiro

denuncia: “[...] (98%) da Mata Atlântica foi derrubada, jogada no chão!” (Babau, 2019, p.98).

A crítica deste professor doutor, mestre de notório saber pela Universidade do Federal de Minas Gerais, explicita como problemas decorrentes do marco temporal e da disputa sangrenta de terras no Brasil repercutem, sobretudo no desmatamento de florestas, no sítio desses povos - guardiões do que ainda restou, responsáveis pelo reflorestamento das matas e atuantes como professores e agentes socioambientais de diversos campos de conhecimento. Assim, também consideramos que uma escola viva é uma comunidade composta por uma multidão de professores visíveis e invisíveis, pessoas, bichos e plantas.

Nesta perspectiva, a coleção “Capanga de Aruanda” põe em ação conhecimentos desta natureza e fortalece, a partir de sua existência e distribuição, as escolas diferenciadas e, por conseguinte fortalece também esses territórios instáveis e em conflito hoje no Brasil. Somado a isso, a partir desses materiais, é possível criar ferramentas para discussões importantes também nos centros urbanos, a partir das redes públicas de ensino, a favor de pautas antirracistas e socioambientais no Ensino Básico. Configura-se, portanto, um conjunto de materiais que vem ao encontro de escolas interculturais, escolas do campo, que potencializa a disseminação de narrativas e conhecimentos ancestrais guardados e retomados em territórios indígenas, quilombolas e rurais. Materiais didáticos, portanto com potencial contra-hegemônico, que rejeita hierarquias, epistemicídios e pasteurização/globalização das textualidades, atividades e proposições didáticas que circulam nas escolas de modo genérico.

Nas reuniões de fechamento do projeto, formulamos o seguinte princípio, “o livro vivo anda”, no sentido de enredar os próximos passos da pesquisa, a saber, a importância de fazer circular a coleção, de ativar os materiais didáticos territorializados, conectado com lutas, poéticas e materialidade de cada território. Sobretudo, de honrar a própria ontologia de Aruanda, o movimento, ir, vir, girar, girar, retornar e da Capanga, a transmissão.

A rede de pesquisa “Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública”, também registra um agradecimento a todas as mestras e mestres,

territórios, comunidades, sabenças, ciências, estéticas, filosofias, alimento, abrigo, afetos partilhados e saúde a vivacidade como princípio e gênese dessas experiências poéticas e pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Ines de. **Práticas da letra, universidade e povos indígenas**: ensaio de um laboratório de interculturalidade. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022. DOI: 10.29327/210932.1.1-4. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/5886>. Acesso em: 21 jun. 2025.

_____. BYLAARDT, Marina. **Relatório Ação Saberes Indígenas na Escola Huni kuĩ/2023**. Una Bainã - Rede de Apoio a Educadores Indígenas, 2024.

BABAU, C. Retomada. In: **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 13, p. 98-105, 2019. Disponível em: <<https://piseagrama.org/artigos/retomada/>> Acesso em 29 set. 2022

DUA BUSE, Manuel Vandique. (org.). **Una Shubu Hiwea**: livro escola viva do povo Huni Kuin. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

IARA, Aiá O. Caderno Artes Indígenas na formação docente. In: Comitê Panhi/ Apinajé **Caderno do tempo**: caderno artes indígenas na formação docente (UFNT). Tocantinópolis: Sociedade da Prensa/ Editora: 2025

FONSECA, C.; CASTRO, L.; FIRMEZA, Y.; *et al.* **Composto Escola**: comunidades de sabenças vivas. 1 ed. São Paulo: N-1 Edições e Roça de Quilombo, 2022.

FONSECA, C. *et al*; **Videoteca Composto Escola**, 2025 (Coleção Capanga de Aruanda - arquivo do projeto de pesquisa).

FONSECA, C.; ARAÚJO, C. CASTRO L.; **Livro-Caderno**. Porto Seguro: Sociedade da Prensa/ Editora: 2025. (no prelo)

IKA MURU, Agostinho Manuel Manduca. **Una Hiwea**: O Livro Vivo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/Literaterras/MEC/IPHAN, 2012.

_____. QUINET, Alexandre. (org) **UNA ISI KAYAWA**: livro da cura do Povo Huni Kuin do Rio Jordão. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2014.

LE GUIN, Úrsula. **A teoria da bolsa ficção**. 1 ed. São Paulo: N-1, 2021.

MARTINS, L. **Performances da Oralitura**: Corpo, Lugar da Memória. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

TAKUÁ, C. **Seres criativos da floresta** (*Cadernos Selvagem*, 2020). Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_4_TAKUA.pdf> Acesso em: 21 jun. 2025.

SOUSA, Adelice. **Vaca da Taioba em Folia de Rainhas**. Rio Branco: Sociedade da Prensa/Edtóra: 2025. (no prelo)

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

NOTAS

1- Essas diretrizes tem como objetivo promover a formação continuada de professores que atuam na educação escolar indígena na educação básica. Fonte: BRASIL, Ministério da Educação. Portaria nº 1.061, de 30 de outubro de 2013. Institui a Ação Saberes Indígenas na Escola. Publicada no DOU de 31/10/2013 (nº 212, Seção 1, p. 44). Disponível em: <<https://licindigenas.ufc.br/wp-content/uploads/2023/08/portaria-no-1.061-de-30-de-outubro-de-2013.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2025.

Data da submissão: 20/04/2025

Data do aceite: 24/06/2025